

O CÉU É O LIMITE!

Roberta Montello Amaral¹

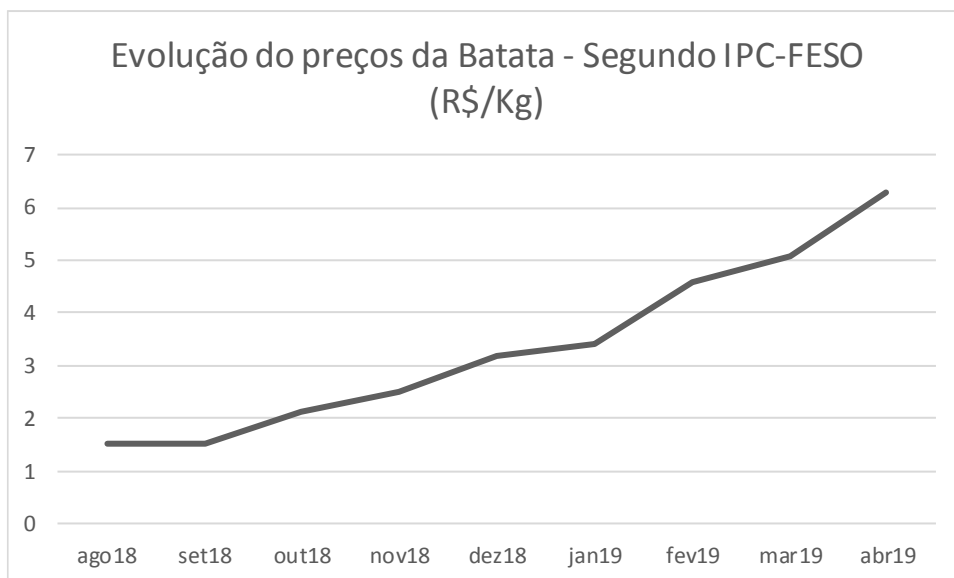
Não é de hoje que tenho percebido, nos mercados, uma elevação de preços que não via há tempos. Nesses casos, nós, economistas, sempre recomendamos que se usem os chamados “bem substitutos” para manter as contas sob controle. Mas nem sempre isso é possível. Quando falamos de feijão, podemos trocá-lo por lentilha, por exemplo. A carne vermelha pode ser substituída por frango ou ovo. O arroz, por macarrão. Mas e a batata? Qual seria o substituto da batata?

Muitos poderiam indicar a mandioca ou o inhame, mas, lá em casa, isso não é verdade. Como descendentes de portugueses, somos verdadeiros batateiros! Ou, talvez até, tenhamos ancestrais irlandeses! Isso porque foi na Irlanda, entre 1845 e 1852, que se passou por um fenômeno interessante associado a batatas: vivia-se o período da “Grande Fome” quando o país apresentou uma queda de 20% da sua população devido à disseminação de uma doença que diminuiu drasticamente a produção de batatas, à época, base da alimentação irlandesa por ser um produto barato. O fato interessante é que, mesmo com grande elevação de preços, ainda assim as pessoas compravam mais batatas. Houve famílias que reduziram seus gastos com outros bens menos importantes para preservar a aquisição de batatas.

Isso não é o que se espera que aconteça com a maioria dos produtos. Quando algo sobe muito, esperamos que as pessoas comprem menos dele, não é verdade? Esse caso irlandês foi tão emblemático que virou exemplo clássico das aulas de economia: não há outros produtos chamados de “bens de Giffen”. Mas o que isso tem a ver com a nossa conta de mercado que cresce a cada mês que passa?

O que acontece é que, desde agosto de 2018 (portanto faz 8 meses), a batata só faz subir de um mês para o outro. Consultando a base de dados do IPC-FESO, o Índice de Preços ao Consumidor de Teresópolis, apurado com a ajuda dos alunos de graduação em Administração e em Ciências Contábeis do UNIFESO, descobre-se que, enquanto, no início do 2º semestre de 2018, o preço de 1Kg de batata inglesa, em Teresópolis, custava, em média, R\$ 1,50, no mês de abril deste ano, este mesmo quilo foi negociado, em média, por R\$ 6,28. Ou seja, com o valor atual de 1 Kg de batata comprava-se mais de 4Kg há menos de 1 ano! Isso representa quase 320% de variação acumulada conforme o gráfico a seguir! Não tenho conhecimento de nenhum investimento que tenha tido essa variação em um espaço tão curto!

¹ *Roberta Montello Amaral* é economista, doutora em engenharia de produção e professora dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Nutrição do UNIFESO. E-mail: ramaral@unifeso.edu.br.



Esse valor, anualizado, chega a impressionantes 753%! Muito mais do que os juros abusivos de cheque especial ou do cartão de crédito! Ufa! Ainda bem que os bancos ainda não descobriram essa modalidade de cobrança de juros!

Mas o que esperar para os próximos meses? Se tudo der certo, deveremos perceber, a partir de junho, o início da chamada “safrinha”, quando a batata deve apresentar aumento de volume de oferta de produção. Nesse caso, deve voltar a valer a famosa lei de oferta e demanda e os preços devem cair, como aconteceu em 2018. Então, por enquanto, ou você encontra um substituto à altura, ou faz como nós lá em casa e os irlandeses no século XIX: deixa de consumir outras coisas, mas não abre mão da batata cozida, frita, assada, gratinada, e outros “adas” mais que você possa pensar. Ah! E não vai mostrar essa coluna pro seu gerente de banco, hein!?